

## A IMPORTÂNCIA DO CONTROLE PARASITÁRIO

Contando com um rebanho bovino de aproximadamente 200 milhões de cabeças, o Brasil apresenta grande destaque na cadeia agroindustrial, tanto para o abastecimento do mercado interno como na exportação.

O controle dos parasitas em bovinos é um importante fator na produção, uma vez que causam grandes perdas econômicas devido a quedas de produtividade, com retardo nas idades de abate e reprodutiva, transmissão de patógenos, alta morbidade, podendo ocasionar, até mesmo, a morte em alguns animais, o que diminui significativamente a rentabilidade pecuária.

Estudos, considerando-se o número total de animais em risco e os efeitos negativos do parasitismo sobre a produtividade foram feitos para se estimar as perdas potenciais anuais. Parasitas relevantes que afetam o bem-estar do gado e a produtividade no Brasil e seu impacto econômico em dólares incluem: nematódeos gastrintestinais - US\$ 7,11 bilhões; carrapato bovino (*Rhipicephalus (Boophilus) microplus*) - US\$ 3,24 bilhões; mosca-dos-chifres (*Haematobia irritans*) - US\$ 2,56 bilhões; berne (*Dermatobia hominis*) - US\$ 0,38 bilhões; mosca-da-bicheira (*Cochliomyia hominivorax*) - US\$ 0,34 bilhões; e a mosca-dos-estábulo (*Stomoxys calcitrans*) - US\$ 0,34 bilhões. A perda econômica anual combinada devido aos parasitos internos e externos dos bovinos aqui listados foi estimada em pelo menos \$13,96 bilhões.

As tentativas de combate e controle dos parasitas são, na maioria das vezes, realizadas de forma incorreta, sendo fundamentadas no uso contínuo de produtos químicos, com uso excessivo de aplicações por ano, aplicações em épocas erradas e uso desordenado de bases terapêuticas. Assim tem-se um alto custo de produção, objetivos do controle não alcançados e, ainda, prejuízos mais sérios, como a seleção de organismos aptos a sobreviver ao efeito tóxico dos fármacos. Além disso, implicam na presença de resíduos nos produtos de origem animal, fato, hoje, muito discutido devido à Instrução Normativa No. 13 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) que proíbe a fabricação, manipulação, fracionamento, comercialização, importação e uso de produtos antiparasitários concentrados (“de longa ação”) que contenham como princípios ativos as lactonas macrocíclicas para uso veterinário.

Confirmando-se os altos valores destinados ao controle de parasitas, nos dados do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (SINDAN, 2013), verificou-se que a comercialização de endo e ectoparasiticidas foi responsável por uma expressiva parcela do mercado brasileiro de produtos veterinários.

Nas últimas décadas, importantes famílias de antiparasitários de amplo espectro de ação, poder residual prolongado e baixa toxicidade, permitiram ao produtor dispor de ferramentas cada vez mais práticas e adaptáveis aos diferentes sistemas de produção. Porém, essas características criaram um falso sentido de segurança e garantia de eficácia, fazendo com que fatores importantes fossem negligenciados, como por exemplo, a atividade do médico veterinário como consultor em saúde animal e o próprio diagnóstico. Pereira (2010) demonstrou estes fatores alarmantes ao constatar que apenas 6,4% dos produtores rurais procuram orientação do médico veterinário para tratamentos antiparasitários.

A resistência parasitária é uma característica hereditária e ocorre quando há um aumento de parasitas capazes de sobreviver ao tratamento. Este fenômeno ocorre para todas as famílias de drogas, e é realidade em vários países.

A resistência parasitária em bovinos demonstrada por endo e ectoparasitas é atualmente, talvez, o maior entrave para a pecuária comercial nacional e em vários países de regiões e tropicais e sub-tropicais. O intervalo inicial (meses/anos) para que este fenômeno inicie depende da espécie do parasita, da presença de genes que conferem resistência, da pressão de seleção exercida pela droga utilizada e do tipo de manejo escolhido para cada situação.

De acordo com Bordin (2004), o desenvolvimento de uma nova molécula parasitária requer cerca de US\$ 300 milhões e 10 anos de investigação, e que para 10.000 compostos candidatos, apenas alguns poucos chegam ao mercado, facilmente se deduz que para os próximos anos, não se pode esperar compostos novos e com novas metodologias de ação por sobre os parasitos.

Assim, já existindo o problema da resistência helmíntica, em maior ou menor grau, frente aos princípios ativos utilizados, outras medidas de combate e controle devem ser pensadas e colocadas mais em prática. Técnicas de pastejos alternados entre espécies, controle estratégico e tático, quando necessário, rodízio de princípios ativos efetivos e testados, uso de produtos naturais, rotação de pastagens, homeopatia, e outras existentes, devem ser intensificadas, para que possamos depender menos de ativos e, assim tenhamos seus tempos de vida prolongados.